

PREÇOS QUE BAIXAM

Durante minha estada na URSS, um dos meus passatempos favoritos era a visita aos grandes armazéns onde a população adquire suas roupas, os objetos de que necessita, os livros, os alimentos. Os armazéns de Moscou são belos, amplos, e me dão sempre certa agradável impressão de festa. Neles encontrareis a fartura reinante na União Soviética, resultado da sua economia socialista, e encontrareis também a cordialidade do povo.

Os armazéns de alimentos e bebidas – os “Gastronoms”, - enormes e limpíssimos, resplandecem de produtos, de carnes, peixes e lataria, de garrafas de vinhos da Geórgia, da Moldávia, de frutas, maçãs, peras e uvas, mas também de laranjas e tangerinas. O russo ama comer, o frio exige alimentos gordos, bebidas fortes – as carnes de porco, os presuntos, o chocolate, a vodka. Nada falta nos armazéns, nenhum produto é racionado. Pode-se comprar de tudo na quantidade que se desejar. Nos armazéns de tecidos, de objetos de vestuário, nas casas de peles, nas sapatarias, tão pouco nada é racionado. Antes de qualquer outro país europeu envolvido na guerra, a União Soviética estabeleceu – e logo ultrapassou – o nível de produção anterior à guerra. Ainda encontrareis na França, mesmo nesse começo de 1950, certos objetos e produtos sujeitos ao racionamento. Desde 1947, dois anos após o fim da guerra, o racionamento terminou na URSS.

Porém não é esse o fato mais importante. Na Itália, encontrareis, sem dúvida, grande fartura de produtos, encontrareis lá o melhor café brasileiro, a lagosta magnífica, os belos sapatos, o tecido esplêndido. Resta saber quantos cidadãos italianos podem adquirir esses produtos. Eles existem mais são caríssimos, à altura apenas da bolsa do milionário ou do turista estrangeiro que a traz repleta de dólares. Os preços sobem dia a dia, sobem numa corrida vertiginosa, acelerada pelo Plano Marshall. Nós conhecemos no Brasil essa mesma situação: temos um enorme rebanho pastoril e o nosso operário não pode comer carne, somos o maior produtor de café do mundo, chegamos mesmo a alimentar com ele as caldeiras das locomotivas e a jogá-lo no mar às toneladas, mas o quilo do café custa um preço impossível, os pobres não podem mais beber nossa bebida nacional. E na URSS? Que acontece na União Soviética ao mesmo tempo em que na França ou na Itália a vida dobra ou triplica de preço? Na União Soviética os preços baixam, os preços, no ano de 1948, por exemplo, baixaram duas vezes e baixaram de muito. Sei bem que é espantoso, que é difícil para um cidadão habitando num país capitalista, acreditar em tamanha barbaridade: preços que baixam, produtos mais baratos a cada dia, vida mais fácil cada semana. Mas é a verdade simples de um país socialista: o salário aumenta e os preços baixam.

O poder aquisitivo da população aumenta sem parar. O espetáculo dos armazéns soviéticos não é apenas belo pela variedade de produtos expostos, por essa sensação de fartura, mas, antes de tudo, pela constante multidão de fregueses, de gente que compra, que tem dinheiro para gastar nos armazéns. Podereis ver também nos países capitalistas armazéns fartos de comestíveis, ricas lojas de tecidos, elegantes sapatarias. Mas podereis igualmente contar os fregueses que transpõem as portas, os felizes possuidores de um orçamento capaz de lhes permitir gastos além das magras refeições quotidianas. Os armazéns e as lojas nos países capitalistas oferecem não só a visão de uma pequena freguesia como de uma freguesia de classe. Não vereis jamais numa loja dos Champs-

Elysées, em Paris, da rua Ouvidor, no Rio de Janeiro, da via Nacional, em Roma, da Calle Florida, em Buenos Aires, um operário adquirir um par de sapatos, uma camponesa comprando um corte de fazenda.

Ide porém, aos armazéns da rua Gorki, no centro de Moscou, aos seus luxuosos (sim, emprego o adjetivo muito propositadamente) empórios, e vereis os trabalhadores, os operários, os camponeses a comprar o melhor tecido, o ótimo sapato, os manjares finos, o caviar, o peixe defumado, os caranguejos em lata e as lagostas. Aqui, no país socialista, os trabalhadores podem comprar.

Inolvidável espetáculo presenciei muitas vezes, não só em Moscou, como em Tbilice, ou em Kiew: camponesas, com suas roupas típicas, comprando aparelhos de rádio, eletrolas, discos, livros, máquinas de costura.

Num empório de Tbilice, na Geórgia ontem feudal, vi uma camponesa das montanhas, vestida com seus trajes de todo pitoresco, a comprar uma máquina elétrica de costura. Era uma velha mulher de mais de 60 anos, vinha ela do tempo em que a Geórgia era uma província explorada pelo império czarista, quando os camponeses das montanhas não sabiam ler nem escrever, não desciam jamais à capital, eram servos de vida tão desgraçada quanto os nossos trabalhadores nos campos do nordeste ou nas selvas do Amazonas. Talvez ela tivesse desejado durante anos e anos possuir sua máquina de costura, um dia vista, quem sabe?, no salão da esposa do grande proprietário de terras. Naquele tempo não se fabricavam sequer, em terras do Tzar, máquinas de coser. Eram importadas, só as senhoras ricas as podiam ter. Hoje, a camponesa georgiana pode comprar tranquilamente sua máquina de costura, movida a eletricidade, produto da indústria russa, elegante e resistente. Custava 900 rublos em dezembro de 1948, de lá para cá o preço já baixou mais uma vez. Qualquer operaria não especializada, qualquer camponesa dos kolkozos ganha por mês o suficiente para adquirir sua máquina de coser. Todos esses objetivos são vendidos também à prestação, em módicas mensalidades. Vejo ainda, diante de mim, o rosto feliz da camponesa pagando a dinheiro contado sua máquina elétrica de costura. Ela a acariciava como a um ser muito querido.

O preço de um automóvel “Moscovita”, pequeno carro de 5 lugares, econômico (7 litros de gasolina para 100 quilômetros), era em fins de 1948, de nove mil rublos, apenas 7 vezes o salário médio mensal de um operário, duas ou três vezes o salário mensal de um **stakanovista**.

Os bens do mundo foram colocados ao alcance dos trabalhadores. A política do governo soviético só tem um fim: tornar melhor a vida de todos, aumentar o padrão de vida dos cidadãos. Liquidadas as lutas de classes, a exploração do homem pelo homem, desaparecem também os interesses mesquinhos que dirigem a ação dos governantes nos países capitalistas, onde eles não fitam o interesse do conjunto da sociedade, mas apenas o de pequenos grupos, o da classe dominante.

Podereis imaginar o seguinte fato no Brasil: o vinho de boa qualidade, de uva pura com pequena percentagem alcoólica, vendido a preços muito baratos, e a cachaça bastante mais cara que o vinho? É difícil de imaginar esse fato no Brasil onde os preços não são fixados em função do interesse da sociedade e, sim, dos produtores, mas é fácil compreender suas vantagens: o hábito de beber cachaça, bebida pouco saudável, e que produz fácil embriaguez, perdendo terreno; o hábito de beber uma bebida saudável, muito menos alcoólica, como o vinho, substituindo-o. Pois isso se passa na URSS, onde uma garrafa de bom vinho de pura uva, com 9 e 10 graus de álcool, é muito barata; enquanto

uma garrafa bem menor de vodka, forte de 45 graus de álcool é bastante mais cara. Essa é a política de preços do governo soviético, visando também, além da comodidade, a educação dos indivíduos.

Eu gostaria que cada um dos leitores pudesse admirar o espetáculo de uma livraria soviética, eternamente repleta de fregueses. Ali podereis ver as edições soviéticas e constatar como são publicados os livros de qualquer parte do mundo portadores de um verdadeiro interesse. E podereis vos comover com o espetáculo dos leitores. Não são apenas os intelectuais - sábios, escritores, artistas, médicos, juristas, estudantes - que enchem as salas. Debruçados sobre os balcões, comprando livros, estão os operários e os camponeses. Nesse país onde eles formam a grande maioria da população, formam também a grande maioria do público. Isso que não podereis ver em nenhum país capitalista, um público de livrarias formado de operários e camponeses, é a realidade das livrarias da URSS, e nenhum escritor, a não ser que seja um imbecil ou um sem vergonha, pode deixar de se comover com essa constatação.

Nenhuma cidade do mundo possui maior número de teatros que Moscou, nenhum país tantos quantos a URSS. Teatros abertos a todo o público e teatros de clubes de cultura, de fábricas, de organizações. Alguns teatros - como Teatro de Arte Gorki - possuem mesmo duas e mais salas de espetáculo. Pois bem: para ir a qualquer teatro de Moscou é necessário adquirir as entradas com antecedência, é impossível encontrar bilhetes à venda nas horas próximas ao espetáculo, tal a quantidade de público. Reservai com vários dias de antecedência os vossos bilhetes se desejardes ir a um teatro em Moscou. Em que país capitalista se passa coisa semelhante? O cidadão soviético adquiriu com a Revolução, não só um nível de vida que lhe possibilita pagar as entradas de teatro, como adquiriu também o gosto pelo bom teatro. São duas coisas igualmente importantes, profundamente ligadas uma à outra. Mais alto o nível de vida e mais alto nível de cultura.

Esse é em realidade um estranho país onde os preços baixam, onde humildes camponeses podem adquirir máquinas de costura e aparelhos de rádio, onde os operários possuem bibliotecas, frequentam teatros nos quais são representadas peças de Shakespeare ou de Calderon, onde simples homens do povo discutem sobre teorias científicas. Parece uma história de sonho, de imaginação solta e sem medidas. É apenas a realidade do mundo socialista.

**Jorge Amado,
Mundo da Paz, pag. 83 - 88, Editorial Vitória**